



Resenha

**Lucas Matheus Feitosa Santos
Silvan Menezes dos Santos**

Recebido: 8 Mar 2024

Revisado: 20 Set 2024

Aceito: 7 Nov 2024

Publicado: 18 Dez 2024

RESENHA DO LIVRO “INQUEBRÁVEL – FERNANDO FERNANDES COM PABLO MIYAZAWA”

Resumo

O corrente texto apresenta a resenha da obra autobiográfica “Inquebrável: a história do atleta que se reinventou depois de perder o movimento das pernas” de autoria de Fernando Fernandes e colaboração de Pablo Miyazawa, sendo publicada pela editora Paralela em 28 de julho de 2017. A obra em questão é composta por 3 capítulos e 240 páginas, com descrição da vida de Fernando Fernandes, um homem que vivenciou a fama através de um reality show reconhecido nacionalmente e teve como grande oportunidade de vida desfilar para uma renomada grife italiana. Contudo, ele passou por um grave acidente de carro em 4 de julho de 2009. Os autores colocam como aspectos os ângulos da vida de Fernando antes da fatalidade, durante o processo de recuperação e o que se tornou o centro de sua história, o esporte.

Palavras-chave: Esporte paraolímpico; Pessoa com deficiência; Mito do herói; Supercrip; Capacitismo.

REVIEW OF THE BOOK “INQUEBRÁVEL – FERNANDO FERNANDES WITH PABLO MIYAZAWA”

Abstract

The current text presents a review of the autobiographical work “Inquebrável: the story of the athlete who reinvented himself after losing the movement of his legs” written by Fernando Fernandes and in collaboration with Pablo Miyazawa, being published by Paralela on July 28, 2017. The work in question is made up of 3 chapters and 240 pages, describing the life of Fernando Fernandes, a man who experienced fame through a nationally recognized reality show and had the great opportunity of his life to model for a renowned Italian brand. However, he was involved in a serious car accident on July 4, 2009. The authors consider aspects of Fernando's life before his death, during the recovery process and what became the center of his story, sport.

Keywords: Paralympic sport; Person with disability; Hero myth; Supercrip; Ableism.

Introdução

A obra autobiográfica, “Inquebrável: a história do atleta que se reinventou depois de perder o movimento das pernas”, escrita em coautoria com Pablo Miyazawa, descreve a vida de Fernando

Fernandes, um homem que teria sua grande oportunidade como modelo desfilando para uma famosa grife italiana até passar por um grave acidente de carro em 4 de julho de 2009. Após o ocorrido, ele observou sua vida tomar rumos antes não imaginados, que o fizeram refletir e, sobretudo, agir com novos ângulos diante das circunstâncias existentes a partir de então, em especial no campo esportivo. Ele se torna atleta de paracanoagem e se apresenta na sinopse da obra como um exemplo nacional de fé, de resiliência e de confiança no próprio potencial por conta da vivência com o desafio de ter adquirido uma deficiência física.

Fernando Fernandes de Pádua é um atleta, modelo, palestrante e apresentador brasileiro nascido em 1981, na cidade de São Paulo. Em 2010, sagrou-se o primeiro campeão mundial de paracanoagem, feito que conquistou mais três vezes nos anos de 2011, 2012 e 2013. Hoje é também comentarista esportivo dos canais Globo, atuando em competições como as Paralimpíadas e sendo apresentador de quadros como o “Além dos limites”.

Pablo Miyazawa, é um jornalista, escritor, editor e apresentador brasileiro nascido em 1978, na cidade de São Paulo. Tem dois livros lançados, sendo eles: 52 Mitos Pop: Mentiras e Verdades nos Boatos do Mundo do Entretenimento, publicado em 2016, e Inquebrável em 2017.

Por conta da pretensão exposta por Fernando Fernandes sobre sua imagem nacional na obra, consideramos que ela impacta nos campos do Esporte, da Educação Física e, em especial, na mediação cultural do esporte para as pessoas com deficiência. Como um produto comunicativo literário ela produz e reproduz valores, códigos e modos de ser e estar em relação ao âmbito esportivo, ou seja, como nos termos de Pires (2002), contribui para a conformação da cultura esportiva contemporânea e, em especial, a do esporte adaptado e paraolímpico. O objetivo desta resenha é, portanto, compreender a autoimagem esportiva veiculada pelo atleta em sua biografia.

Estrutura da obra

O livro é dividido em três partes, que o constroem numa perspectiva fluida e singularmente pessoal. A Parte I - “Antes da queda”, nos é apresentada não apenas a figura popularmente conhecida de Fernando Fernandes, mas também aquele que representa o seu íntimo, o “Nando”, alguém que na infância possuía uma grande facilidade para construir amizades, um amor incondicional por sua família e que já possuía aptidões e paixão pelo esporte. Nesse segmento da obra, ainda temos Fernando buscando ser atleta profissional de futebol, servindo ao exército e a construção do personagem que veio a ser conhecido por sua participação do reality show Big

Brother Brasil, suas atuações como modelo e as grandes consequências que a fama trouxe para sua vida.

Na parte II - “Diário de um resiliente (2009-2010)”, nos são mostrados escritos de Fernando em um diário ao longo do seu processo de recuperação após o acidente sofrido e a paraplegia decorrente do drama vivido. Aqui nos é exposto os laços criados por Nando com pessoas fundamentais em seu contexto social e afetivo, a construção de sua resiliência, o desenvolvimento de um futuro atleta paralímpico e seu amor pela paracanoagem, esporte em que, somente com pouco mais de um ano após a fatalidade sofrida, sagrou-se o primeiro campeão mundial da modalidade em Posnânia, na Polônia.

A parte III - “A vida pela frente”, retrata acontecimentos vivenciados por Fernando após sua saída do hospital, desde situações relativas à reabilitação e adaptações (como o seu primeiro banho e seus pequenos desafios que propunha a si mesmo), passando pelas relações familiares, de amizade e amorosas até sua vivência com o esporte, não somente atuando como desportista, mas perpassando em outras atuações como palestrante, comentarista e apresentador de canais em quadros esportivos e série televisiva.

Discussões sobre a obra

O livro, desde o início, leva o leitor a conhecer uma face totalmente íntima de Fernando Fernandes, construindo o imaginário por meio de uma linearidade fluida entre a infância, a juventude e a fase adulta dele. Nas primeiras páginas conta-se que ele sempre foi muito ativo esportivamente, tendo muito apoio familiar nesse contexto. Isso corrobora com o que defendem Gabarra et al. (2009) sobre a importância do papel fraterno nas primeiras idades para o desenvolvimento da criança em modalidades esportivas, sobretudo no aspecto afetivo-psicológico, além de auxílios financeiros e logísticos para a prática. Na obra observamos a importância do âmbito familiar (no campo psicológico) de Fernando também após o grave acidente sofrido, fase em que o esporte, segundo ele, foi de singular relevância na sua recuperação e continuidade de vida.

No entanto, ao narrar esta etapa da trama da sua vida o atleta pouco apresenta os desafios e o privilegiado suporte financeiro e logístico que obteve para acessar, se manter e alçar o altíssimo rendimento esportivo em tão pouco tempo de inserção no contexto do esporte adaptado. Basicamente faz isso em duas passagens da obra, quando ele diz ter investido todo o seu dinheiro no esporte, mas não especifica o quanto, e ao dizer que ganhou o caiaque adaptado em Portugal, sem informar valores também.

Comumente no contexto esportivo midiatizado, espetacularizado e mercantilizado a narrativa da trajetória do herói é mobilizada para veicular feitos atléticos como histórias de superação de obstáculos da vida, de modo a transformar ídolos esportivos em modelos de comportamento social (M. P. Marques & Corrêa, 2021; Santos & Medeiros, 2009). No Brasil, em especial, esta jornada heroica normalmente é utilizada como exemplo motivacional para crianças e jovens praticarem esporte e esperançarem uma vida economicamente melhor para si e para a família. No entanto, em grande parte das vezes, esta narrativa é veiculada sem contextualizações educacionais, sociais, culturais e econômicas, provocando assim a fetichização da carreira esportiva, com promessas de sucesso e enriquecimento na maioria dos casos não cumpridas.

O caso da imagem midiatizada e veiculada socialmente do esporte paraolímpico e de atletas com deficiência não é diferente. Neste contexto, tal narrativa da trajetória do herói é conhecida como supercrip. Ela carece da mesma necessidade de melhor contextualização sobre os desafios sociais, arquitetônicos, políticos, culturais e econômicos a serem enfrentados por uma pessoa com deficiência para se tornar atleta de alto rendimento. Desse modo, entende-se que no lugar de inspirar mudanças sociais para a inclusão, ela pode responsabilizar outras pessoas com diferentes tipos e condições sociais de comprometimento por não realizarem os feitos esportivos tidos como heroísmo (Howe, 2011; Silva & Howe, 2012).

A autobiografia de Fernando Fernandes incorre na mesma característica da narrativa do super-herói. Relata as dificuldades da aquisição da deficiência no auge da jovialidade, constrói discursivamente a trama da superação dos desafios e o alcance da vitória heroica, colocando-se como exemplo ou modelo de comportamento. Contudo, não faz um esforço de contextualizar os aportes logísticos e financeiros que foram necessários para alçá-lo ao posto de campeão mundial de paracanoagem.

Fernando Fernandes, ao iniciar um diário sobre o seu processo de recuperação, descreve sentimentos, conversas, ideias e acontecimentos em escritos. Inicia-se também, nesse trecho da obra, questões relativas às marcas pessoais e sociais da deficiência, aspectos sobre esporte adaptado às PCD (Pessoas com Deficiência) e o fenômeno capacitista.

Nos primeiros escritos do seu diário, relata sobre diversos temas, entre eles estão o apoio que recebeu de diversas pessoas e sobre seu aspecto guerreiro. Ao falar sobre a equipe médica que inicialmente o atendia, ele relata sobre sua admiração para com os profissionais de saúde, citando “os prazeres de um médico ao consertar um ser humano”.

Quando tratamos sobre deficiência na sociedade contemporânea dois modelos antagônicos são estabelecidos, os chamados modelo médico e modelo social. O primeiro nos remete a uma visão

centrada no indivíduo e na característica corporal entendida como lesão (adquirida ou congênita) a ser tratada, no qual muitas vezes há uma culpabilização da vítima por sua condição. O segundo nos transmite que a deficiência é um fenômeno de caráter social, político e de influência economicamente capitalista (Diniz, 2007). Sob este entendimento, portanto, expõe-se como o modelo médico está presente na perspectiva expressa pelo Fernando sobre a deficiência e sobre a sua relação com este fenômeno. Neste quesito, então, compreendemos haver, por parte dele, uma auto incorporação do estigma normalmente associado às pessoas com deficiência, tal como nos termos de Goffman (2012), tratando-a como parte de uma identidade deteriorada em conserto pelos profissionais médicos.

Mais à frente na obra, é relatada sua vontade de se tornar um esportista paralímpico, numa tentativa de voltar às suas origens no esporte, ideia formulada após conversa com sua mãe, na qual iniciaram um diálogo sobre como seria a vida de Fernando como usuário de cadeira de rodas. Nessa extensão do texto, temos a frase “[...], mas que isso não faria de mim uma pessoa menos capacitada”. Neste ponto da autobiografia, diferentemente do momento anterior, observamos, por conseguinte, a veiculação de uma autoimagem esportiva anticapacitista¹.

Ainda sobre o capacitismo, há no imaginário social de tratamento para com as pessoas com deficiência a ideia de indivíduos isentos de maldades. O autor nos conta na sua obra, algo que adverte dessa conjuntura. No esporte adaptado, a Classificações Esportiva Paralímpica (CEP) é a maneira pela qual os atletas são legitimados e alocados de acordo com suas potencialidades. Fernando relata que no mundial de paracanoagem de 2015, que daria vaga para o evento olímpico no Rio no ano subsequente, atletas com vantagens claras sobre ele competiram em sua classificação. Para ele este seria um exemplo de que a deficiência não pode ser tratada como um fator de atestado de um bom ou mau caráter, de um ser condicionado a ser “bonzinho” por conta da sua condição.

Gonçalves et al. (2009) chamam atenção para o cuidado que se deve ter com este pressuposto puritano por vezes associado às imagens das pessoas com deficiência. Marques e Gutierrez (2014), Marques et al. (2012) e Howe (2008) destacam há algum tempo como a CEP é polêmica e problemática, pois é um fenômeno permeado de interesses políticos e comerciais que se sobrepõem aos interesses esportivos.

¹ O capacitismo, como Wolbring (2008) explica, é um conjunto de crenças, práticas e processos que favorecem algumas habilidades em detrimento de outras, exaltando aqueles que possuem as habilidades que são habitualmente vangloriadas e inferiorizando aqueles que não as possuem — isso se aplica tanto à forma como o indivíduo enxerga outras pessoas quanto a sua própria. Ocorre que, no meio dos esportes adaptados, não somente aqueles com o dito corpo normativo acabam por apontar capacidades para um outrem que seja PCD, mas que são ações produzidas e reproduzidas por aqueles que tenham alguma deficiência.

Acerca do relato sobre o caminho que o levou a ser tetracampeão do mundo, o autor proporciona ao leitor informações significativas sobre o desenvolvimento de uma nova perspectiva de enxergar o futuro, e do agir diante das circunstâncias impostas pelas condições apresentadas. É sabido que melhorias na força muscular, na resistência, coordenação e entre outras valências físicas são essenciais para o PCD, mas além dos fatores citados, Fernando nos deixa claro o papel singular dos amigos, treinadores e familiares no processo de recuperação, mesmo pelo esporte, ponto que é citado diversas vezes ao longo da obra.

Outro aspecto a ser considerado é o seu papel fundamental como figura pública, ex-atleta profissional e transmissor de conteúdos esportivos. Após não conseguir sua vaga para os Jogos Paralímpicos, Fernando iniciou um desenvolvimento na área televisiva, como comentarista e apresentador. Sua busca por desvencilhar da ideia sensacionalista e vitimista para com a pessoa com deficiência é um exemplo de combate aos estigmas presentes na realidade social brasileira, citando o termo de super-herói em alguns momentos da obra.

No estudo sobre a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência para com a cobertura midiática, Oliveira et al. (2018) concluem que os desportistas dividem opiniões acerca do tema. Enquanto alguns não concordam com a visão de super-heróis comumente observada na grande mídia do esporte adaptado, outros aceitam a ideia, pois compreendem que representam seus enfrentamentos diárias em barreiras físicas, sociais e ambientais. Por certo, o consenso comum é que ambos os grupos observam a ideia de serem tratados como super-heróis como melhor à visão vitimista. O biografado demonstra o mesmo interesse em comum com os atletas do estudo citado, buscando uma contínua fuga dos fatores que manifestem um feitiço de coitadismo, vivenciando aspectos que se desassociem de tal ideia.

Considera-se também o papel de agente propagador e formador de informação que Fernando assume ao ingressar-se de maneira direta no campo midiático-televisivo, além das atuações mais particulares nas redes sociais. Segundo Hilgemberg (2014) “ao veicular quaisquer acontecimentos e informações, a mídia institui um contrato de leitura, um vínculo com seu leitor, telespectador ou ouvinte. Quando retrata um acontecimento, a mídia não é somente reproduutora de informações, mas produtora de sentidos, já que se caracteriza como lugar de construção simbólica dos acontecimentos”. Tal excerto caracteriza não somente uma tarefa que Fernando Fernandes exerce, mas também uma responsabilidade que a escolha carrega e que ele demonstra manifesto em operar em diferentes nuances da mídia.

Tal como neste caso, os diferentes modos como esportistas com algum tipo de comprometimento são veiculados possuem um importante papel social e educacional, pois têm

potencial de alterar a percepção da sociedade acerca das pessoas com deficiência, permitindo que sejam vistas como fortes, capazes (Souza et al., 2020, 2021; Vieira et al., 2022). É preciso cuidar, porém, para tais discursos de heroísmo não despertarem o sentimento de culpa ou fracasso em outras pessoas com deficiência por não conquistarem determinados feitos esportivos (Howe, 2008; Silva & Howe, 2012).

Considerações finais

Diante dos achados apresentados na obra aqui resenhada, consideramos que um pensamento compartilhado numa obra de uma grande personalidade esportiva se demonstra substancial para a divulgação do esporte adaptado e para a luta contra o capacitismo e preconceitos presentes encontrados não apenas no campo esportivo, mas também noutras esferas coletivas. Porém, ressaltamos o cuidado necessário na leitura e interpretação da obra para não se reproduzir ideais simplistas e problemáticos relacionados, por exemplo, ao fetichismo da carreira esportiva heroica e aos discursos motivacionais que culpabilizam e responsabilizam as próprias vítimas da condição de exclusão social pela superação dela.

Referências

- Diniz, D. (2007). *O que é deficiência*. Editora Brasiliense.
- Gabarra, L. M., Rubio, K., & Angelo, L. F. (2009). A psicologia do esporte na iniciação esportiva infantil. *Psicología para América Latina*, 18.
- Goffman, E. (2012). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4^a). LTC.
- Gonçalves, G. C., Albino, B. S., & Vaz, A. F. (2009). O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americanos 2007. Em G. de L. Pires (Org.), “*Observando” o Pan Rio/2007 na mídia* (p. 149–167). Tribo da Ilha.
- Hilgemberg, T. (2014). Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *Ciberlegenda*, 30, 48–58.
- Howe, P. D. (2008). From Inside the Newsroom: Paralympic Media and the ‘Production’ of Elite Disability. *International Review for the Sociology of Sport*, 43(2), 135–150.
<https://doi.org/10.1177/1012690208095376>

Howe, P. D. (2011). Cyborg and Supercrip: The Paralympics Technology and the (Dis)empowerment of Disabled Athletes. *Sociology*, 45(5), 868–882.
<https://doi.org/10.1177/0038038511413421>

Marques, M. P., & Corrêa, M. A. (2021). O mito do herói atleta, 20 anos depois: sua atualidade em um mundo digital. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*, 5, 116–127.
<https://doi.org/10.30937/2526-6314.V5.ID126>

Marques, R. F. R., & Gutierrez, G. L. (2014). *O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas*. Phorte.

Marques, R. F. R., Gutierrez, G. L., & Almeida, M. A. B. de. (2012). Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no brasil: os processos de classificação de atletas. *Revista de Educação Física/UERJ*, 23(4), 515–527.

<https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23.4.14545>

Oliveira, A. P. V. de, Poffo, B. N., & Souza, D. L. de. (2018). “É melhor ser super-herói do que ser a vítima”: um estudo sobre a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a cobertura midiática. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 24(4), 1179–1190.

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.84237>

Pires, G. D. L. (2002). *A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Unijuí.

Santos, D. S. dos, & Medeiros, A. G. A. (2009). O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. *Pensar a prática*, 12(3), 1–11.

Silva, C. F., & Howe, P. D. (2012). The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. *Journal of Sport & Social Issues*, 36(2), 174–194.
<https://doi.org/10.1177/0193723511433865>

Souza, D. L. de, Colere, J., & Vieira, Y. V. (2021). O contato com o esporte paralímpico como um meio para a mudança de percepção de crianças em relação às pessoas com deficiência. *Retos*, 42, 396–405. <https://doi.org/10.47197/RETOS.V42I0.87454>

Souza, D. L. de, Marques, A. M., & Fermino, A. L. (2020). Jogos Paralímpicos: a experiência com “o outro” através das telas. *Journal of Physical Education*, 31(1).
<https://doi.org/10.4025/JPHYSEDUC.V31I1.3170>

Vieira, Y. V., Colere, J., & Souza, D. L. de. (2022). A mídia relacionada aos Jogos Paralímpicos e as suas possíveis contribuições na mudança de percepção de estudantes universitários a respeito das pessoas com deficiência. *Retos*, 46, 236–245.